

O gênero *Pleurobotryum*

Uma história pleurothallida

Rudolf Jenny (*)
(Trad. Waldemar Scheliga)

O gênero *Pleurobotryum* foi descrito por Barbosa Rodrigues na primeira parte de sua obra sobre a flora orquidácea brasileira "Genera et Species Orchidearum Novarum". Como espécie-tipo ele indicou *Pleurobotryum atropurpureum*, planta encontrada na Serra do Caldas, em Minas Gerais. A prancha mencionada por Barbosa Rodrigues na descrição original, só foi publicada em 1996 por Samuel Sprunger, quase 120 anos mais tarde, quando se editaram as ilustrações inéditas de Barbosa Rodrigues (**). A prancha reproduz um desenho da planta inteira e uma análise floral.

Pleurobotryum de Barbosa Rodrigues tem sido, até os dias de hoje, um gênero polêmico e de acordo com a visão de cada autor, foi tratado como seção de *Pleurothallis* ou como gênero independente. Sprunger na admirável obra dedicada a Barbosa Rodrigues também cuidou do assunto observando o ponto de vista hoje seguido, ou seja, *Pleurobotryum atropurpureum* é designado *Pleurothallis teretifolia* Rolfe.

(**) A referência é ao livro: "Iconographie des Orchidées du Brésil", de Barbosa Rodrigues, editado, no ano passado, na Suíça, tendo Samuel SPRUNGER como organizador e Editor. Referida obra foi lançada, durante a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cuja Biblioteca possui a quase totalidade dos originais, formando 5 volumes, num total de 6. O outro volume pertence a uma das bibliotecas da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos

O nome *Pleurobotryum* se compõe das palavras *Pleuros* = costela e *Botrys* = cacho. O nome se refere à disposição das flores sobre o eixo da haste floral.

Pleurothallis teretifolia foi descrita por Robert Allen Rolfe no *Gardener's Chronicle*, em 1892. Rolfe se baseou numa planta oriunda de Pernambuco e importada, junto com labiatas e outras orquídeas pela firma Charlesworth & Co. Rolfe enquadrou essa espécie na Seção *Brachystachis* de Lindley e próximo a *C. teres* Lindley. O tipo da espécie mostra claramente tratar-se da mesma planta que *Pleurobotryum atropurpureum*. Evidentemente o fato passou despercebido de Rolfe (até porque não tinha acesso às pranchas de Barbosa Rodrigues) e, assim a espécie ganhou um segundo nome.

No texto preparado para a "Flora Brasiliensis" de von Martius, Cogniaux rebaixou *Pleurobotryum* à condição de seção de *Pleurothallis*, fixando, acertadamente, a transferência de *Pleurobotryum atropurpureum* para *Pleurothallis atropurpurea* (Barb. Rodr.) Cogniaux *Pleurothallis teretifolia* Rolfe é, neste caso, referida como sinônimo. O procedimento de Cogniaux corresponde inteiramente às regras de nomenclatura, o nome mais antigo dessa planta é *Pleurobotryum atropurpureum* e a mudança para o gênero *Pleurothallis* teria prioridade sobre a descrição Rolfe como *Pleurothallis teretifolia*. Além disso, já em 1842 fora descrita por Lindley uma outra planta totalmente diferente

descrita sob o nome de *Pleurothallis atropurpurea* e, só isto, invalidava a descrição de Cogniaux, sendo *Pleurothallis teretifolia* o único nome válido para essa planta desde que não se aceite *Pleurobotryum* como gênero válido.

A partir de 1920 o orquidólogo alemão Rudolf SCHLECHTER passou a receber de Albino HATSCHBACH, com alguma regularidade, orquídeas do Brasil para classificar. HATSCH-BACH nasceu em março de 1891 em Curitiba, Paraná. Seu pai era austríaco e a mãe, brasileira. Aos 9 anos de idade os pais mandaram-no para estudar na Alemanha. Albino estudou em Hamburgo e trabalhou numa firma de exportação. Foi nessa época que conheceu Rudolf SCHLECHTER, o que despertou seu interesse pelas orquídeas. Voltou em 1908 para o Brasil, tornando-se empregado da fábrica de calçados que seu avô possuía no Paraná. Em companhia de seu amigo LANGE, engenheiro ferroviário, fez extensas caminhadas pela Mata Atlântica (ainda existente naquele tempo ("")), coletando, avidamente orquídeas que cultivava e, de tempos em tempos, remetia, vivas ou exsicadas, as que supunha desconhecidas para SCHLECHTER, na Alemanha, para estudo e classificação. SCHLECHTER reuniu essas plantas num artigo sob o título "Contribuição para o conhecimento da flora do Paraná II, Orchidaceae Hatschbachianae". Infelizmente os exemplares-tipo das espécies das espécies coletadas por HATSCHBACH e

("") N.E.

O autor nesse passo do seu texto comete um deslize, muito comum entre os europeus de hoje. Não desconhecemos os problemas de devastação das áreas verdes, sobretudo na Mata Atlântica. Mas a região a que se refere, no Paraná, está entre as de melhor conservação e maior cobertura vegetal da antiga Mata Atlântica. Assim é uma posição inaceitável afirmar como faz o respeitado orquidólogo que a Mata Atlântica já não existiria.

descritas por SCHLECHTER junto com todas as anotações caprichosamente minuciosas foram destruídos no incêndio do herbário de Berlim no ano de 1943.

Na revisão da coleção de HATSCHBACH, em Feddes Repertorium SCHLECHTER também descreveu *Pleurothallis hatschbachii*. Na descrição, SCHLECHTER menciona expressamente a espécie juntamente com *Pleurothallis atropurpurea* (Barb. Rodr.) Cogniaux, *Pleurothallis mantiquirana* Barb. Rodr., *Pleurothallis rhabdosepala* Schltr., *Pleurothallis crepiniana* Schltr. que formam um pequeno grupo homogêneo do gênero *Pleurothallis*. SCHLECHTER, contudo não menciona o velho gênero *Pleurobotryum* de Barbosa Rodrigues. Resta a dúvida quanto ao que determinou isto: se não levou em consideração, por desconhecer, ou se teve de abandonar a pesquisa de informações pela impossibilidade de acesso às pranchas de Barbosa Rodrigues.

Na mesma publicação SCHLECHTER dedica a Albino HATSCHBACH mais algumas espécies: *Cyclopogon hatschbachii* - hoje *Beadlea hatschbachii* (Schltr.) Garay 1980-, *Epidendrum hatschbachii*, *Octomeria hatschbachii*, *Capanemia hatschbachii*, *Campylocentrum hatschbachii*, *Maxillaria hatschbachii*, *Oncidium hatschbachii*. Em 1936 Frederica Carlos HOEHNE por sua vez se lembra de *Pleurobotryum* no Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao trabalhar as *Pleurothallidinae* do Herbário de material recebido de Alexandre Curt BRADE. Não só *Pleurobotryum atropurpureum* Barb. Rodr. foi citado, mas, igualmente, as quatro espécies de *Pleurothallis* mencionadas por SCHLECHTER são transferidas para *Pleurobotryum* e, ainda mais, descreveu *Pleurobotryum hatschbachii* (Schltr.) Hoehne, *Pleurobotryum rhabdosepalum* (Schltr.) Hoehne, *Pleurobotryum crepinianum* (Cogniaux) Hoehne, acrescentando, ainda, a

descrita sob o nome de *Pleurothallis atropurpurea* e, só isto, invalidava a descrição de Cogniaux, sendo *Pleurothallis teretifolia* o único nome válido para essa planta desde que não se aceite *Pleurobotryum* como gênero válido.

A partir de 1920 o orquidólogo alemão Rudolf SCHLECHTER passou a receber de Albino HATSCHBACH, com alguma regularidade, orquídeas do Brasil para classificar. HATSCH-BACH nasceu em março de 1891 em Curitiba, Paraná. Seu pai era austríaco e a mãe, brasileira. Aos 9 anos de idade os pais mandaram-no para estudar na Alemanha. Albino estudou em Hamburgo e trabalhou numa firma de exportação. Foi nessa época que conheceu Rudolf SCHLECHTER, o que despertou seu interesse pelas orquídeas. Voltou em 1908 para o Brasil, tornando-se empregado da fábrica de calçados que seu avô possuía no Paraná. Em companhia de seu amigo LANGE, engenheiro ferroviário, fez extensas caminhadas pela Mata Atlântica (ainda existente naquele tempo ("")), coletando, avidamente orquídeas que cultivava e, de tempos em tempos, remetia, vivas ou exsicadas, as que supunha desconhecidas para SCHLECHTER, na Alemanha, para estudo e classificação. SCHLECHTER reuniu essas plantas num artigo sob o título "Contribuição para o conhecimento da flora do Paraná II, Orchidaceae Hatschbachianae". Infelizmente os exemplares-tipo das espécies das espécies coletadas por HATSCHBACH e

(") N.E.

O autor nesse passo do seu texto comete um deslize, muito comum entre os europeus de hoje. Não desconhecemos os problemas de devastação das áreas verdes, sobretudo na Mata Atlântica. Mas a região a que se refere, no Paraná, está entre as de melhor conservação e maior cobertura vegetal da antiga Mata Atlântica. Assim é uma posição inaceitável afirmar como faz o respeitado orquidólogo que a Mata Atlântica já não existiria.

descritas por SCHLECHTER junto com todas as anotações caprichosamente minuciosas foram destruídos no incêndio do herbário de Berlim no ano de 1943.

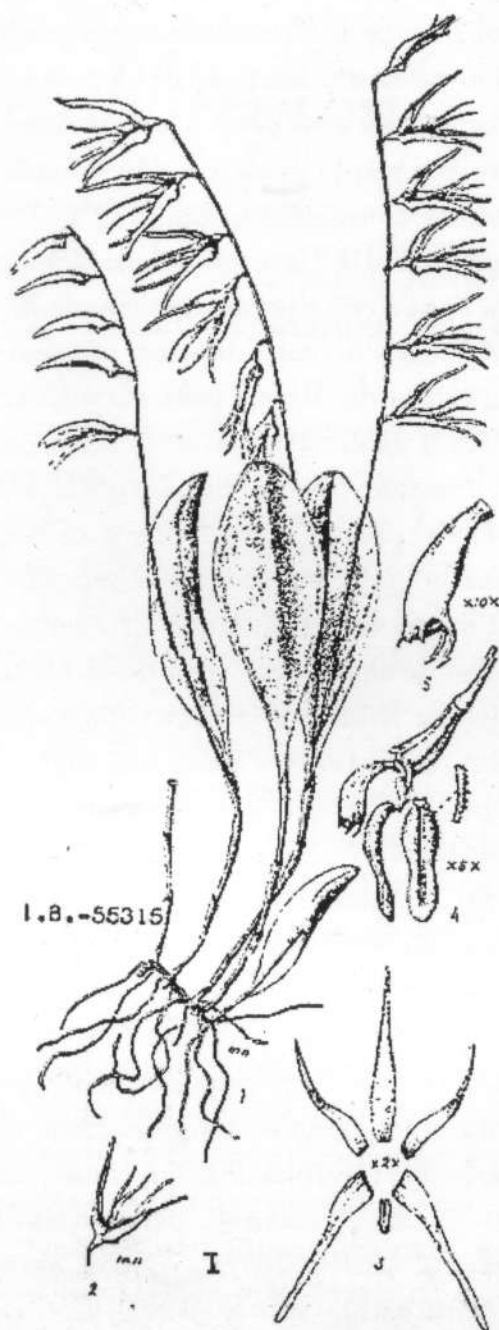
Na revisão da coleção de HATSCHBACH, em Feddes Repertorium SCHLECHTER também descreveu *Pleurothallis hatschbachii*. Na descrição, SCHLECHTER menciona expressamente a espécie juntamente com *Pleurothallis atropurpurea* (Barb. Rodr.) Cogniaux, *Pleurothallis mantiquirana* Barb. Rodr., *Pleurothallis rhabdosepala* Schltr., *Pleurothallis crepiniana* Schltr. que formam um pequeno grupo homogêneo do gênero *Pleurothallis*. SCHLECHTER, contudo não menciona o velho gênero *Pleurobotryum* de Barbosa Rodrigues. Resta a dúvida quanto ao que determinou isto: se não levou em consideração, por desconhecer, ou se teve de abandonar a pesquisa de informações pela impossibilidade de acesso às pranchas de Barbosa Rodrigues.

Na mesma publicação SCHLECHTER dedica a Albino HATSCHBACH mais algumas espécies: *Cyclopogon hatschbachii* - hoje *Beadlea hatschbachii* (Schltr.) Garay 1980-, *Epidendrum hatschbachii*, *Octomeria hatschbachii*, *Capanemia hatschbachii*, *Campylcentrum hatschbachii*, *Maxillaria hatschbachii*, *Oncidium hatschbachii*. Em 1936 Frederica Carlos HOEHNE por sua vez se lembra de *Pleurobotryum* no Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao trabalhar as *Pleurothallidinae* do Herbário de material recebido de Alexandre Curt BRADE. Não só *Pleurobotryum atropurpureum* Barb. Rodr. foi citado, mas, igualmente, as quatro espécies de *Pleurothallis* mencionadas por SCHLECHTER são transferidas para *Pleurobotryum* e, ainda mais, descreveu *Pleurobotryum hatschbachii* (Schltr.) Hoehne, *Pleurobotryum rhabdosepalum* (Schltr.) Hoehne, *Pleurobotryum crepinianum* (Cogniaux) Hoehne, acrescentando, ainda, a

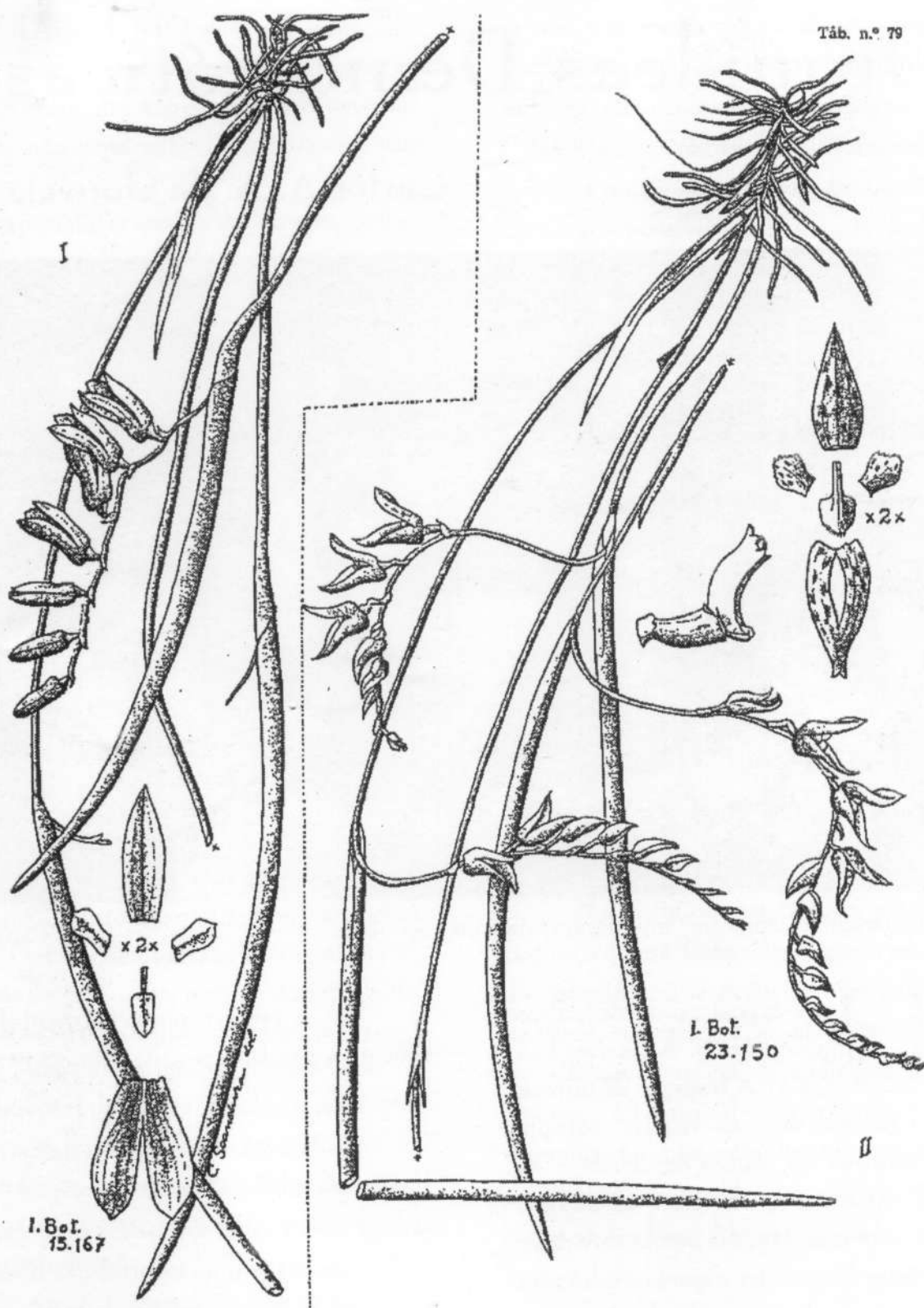
descrição de nova espécie *Pleurobotryum unguiculatum* Hoehne.

Em 1937 falecia Albino HATSCHBACH deixando dois filhos Erwin HATSCHBACH e Gert HATSCHBACH. Gert estudou botânica e fundou, há 33 anos, o Museu Botânico de Curitiba, de que é Diretor até hoje. As orquídeas coletadas por Gert eram classificadas e publicadas por Frederico Carlos HOEHNE. Por isto se encontra nos Archivos de Botânica do Estado de São Paulo, em 1950: *Pleurothallis gerthatschbachii* Hoehne, planta coletada nos arredores de Curitiba. O desenho publicado juntamente, mostra esta espécie que nada tem a ver com *Pleurobotryum*. Em homenagem a Gert HATSCHBACH outras espécies foram descritas e denominadas: *Cyrtopodium hatschbachii* Pabst, *Cleistes gert-hatschbachii* Hoehne e *Maxillaria mosenii* var. *hatschbachii* Hoehne, *Brachystele hatschbachii* Pabst (hoje classificada como *Stigmatossema hatschbachii* (Pabst) Garay 1980) e *Habenaria hatschbachii* Pabst, são descrições de 1975.

Carlyle LUER em *Icones Pleurothallidarum*, vol. 3, reduziu *Pleurobotryum* a um subgênero do gênero *Pleurothallis* e colocou como tipo *Pleurobotryum atropurpureum* Barb. Rodr. (alterando o nome para *Pleurothallis teretifolia* Rolfe); além disso juntou *Pleurothallis crepiniana* Cogniaux, *Pleurothallis hatschbachii* Schltr., *Pleurothallis mantiquirana* Barb. Rodr., *Pleurothallis rhabdosepala* Schltr. e, também, *Pleurothallis albopurpurea* Kränzlin e *Pleurothallis subfolia* Kränzlin, até então incorporadas em outra divisão. A classificação de LUER representa a atual situação taxonômica e é geralmente aceita.



I - *Pleurothallis Gert-Hatschbachii* Hoehne



I - *Pleurobotrium atropurpureum* Barb. Rodr. e II - *P. Hatshbachii* (Schltr.) Hoehne
Originais

Extraído da Iconographia de Orchidaceas do Brazil, de Carlos Frederico Hoehne, Tábua 79.
Edição da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.